

DE MARIANA E HELOISA

Maria Helena Nery Garcez

Cinco séculos de distância separam estas duas mulheres que viveram em religião — se é que Mariana constitui realmente uma personagem histórica — célebres pelos intensos dramas passionais de que foram protagonistas. Heloísa, de indiscutida existência histórica, viveu sua paixão, de todos conhecida, no século XII, em França, enquanto que Mariana tê-la-ia vivido no século XVII, em Portugal. O relacionamento entre Abelardo e Heloísa foi primeiramente ilegal, depois se sacramentou pelo matrimônio, até que, sobrevinda a tragédia que destruiu sua vida em comum, ambos ingressaram na vida monástica. Mariana, pelo contrário, segundo o texto das *Cartas Portuguesas* nos dá a conhecer, teria sido destinada à vida religiosa desde sua tenra infância e foi no seu próprio convento que, quando adulta, conheceu Chamilly, com quem viveu uma breve ligação clandestina. Ambas, pois, entraram para a vida religiosa sem possuir uma autêntica vocação e ambas conheceram, embora em circunstâncias diversas, um amor humano avassalador, um amor-paixão de que as cartas que escreveram dão testemunho eloqüente. Há, porém, entre as duas uma diferença fundamental que passaremos a considerar

O que, em primeiro lugar, choca no texto de Mariana é a absoluta ausência de referência a Deus, bem como a absoluta inexistência de uma crise de consciência moral. É-nos difícil aliar ao nome de Mariana o tratamento de sóror, como ela é tradicionalmente conhecida e já que, de religiosa, esta personagem não tem absolutamente nada. Poderíamos dizer que sua visão da existência é puramente humana, horizontal, carecendo de todo sentido transcendente. Extraordinariamente significativo é o fato de ela não ter mencionado o nome de Deus nenhuma vez nas cinco cartas que escreveu, a tal ponto que a leitura desses textos fez-nos lembrar o epílogo do conto “Teorema” de Herberto Helder: “E Deus não é chamado para aqui.” Efetivamente, para o mundo de Mariana, Deus não é chamado. Assim, se existe uma entrega, trata-se apenas de uma entrega ao amante, que é, para ela, sua religião e sua honra, como o declara na 2ª carta: “A minha religião e a minha honra, faço-as consistir unicamente em te amar

loucamente por toda a minha vida, já que a amar-te comecei!” (1) O que preenche seus dias não é a presença de Deus — como seria de esperar de uma religiosa — Mariana nem ao menos se propõe esta meta — mas a presença do amado como este parágrafo da 2ª carta faz-nos ver: “Desde que partiste, não tive um único momento de saúde e o meu único prazer consiste em murmurar o teu nome mil vezes ao dia!” (2) Este último trecho constitui um clamoroso testemunho de que Mariana situa-se no pólo apostó à vida ascética, que deveria, no entanto, constituir o núcleo substancial de uma vida consagrada. A luta interior não só não existe como suas cartas não deixam ambém transparecer o menor sinal de um problema de consciência. Se Mariana faz algum protesto de fidelidade, cogita apenas no amor humano, sem colocar sequer o problema da infidelidade ao amor divino: “Mas, já que uma ausência cruel nos devia separar, parece que devo sentir-me satisfeita por não ter sido infiel e por nada deste mundo quereria ter cometido uma acção tão perversa.” (3) Mariana não vê como perversa sua traição a Deus, pois sua visão é tão curta que nem mesmo chega a ver que houve traição ao amor divino, demonstrando com isso uma absoluta carência de vida interior—usamos esta expressão no significado que assume na linguagem ascética: vida de união amorosa com Deus. Do mesmo modo, todo sofrimento de que padece circunscreve-se ao abandono de que foi vítima de parte do amante e ao fato de amá-lo mais do que foi amada. Mariana continua movendo-se num plano meramente humano.

E como é que sua consciência encara tal paixão? Primeiramente com uma absoluta ausência de arrependimento, como declara na 2ª carta: “E, no entanto, não me arrependo de te haver adorado e sinto-me bem feliz por me teres seduzido.” (4) Quando, na 3ª carta, fala de arrependimento, também não é por motivos sobrenaturais, mas puramente humanos: “Enfureço-me contra mim própria quando penso em tudo quanto te sacrifiquei: perdi a minha reputação, expus-me ao furor dos meus parentes, à severidade das leis deste país contra as religiosas e à tua ingratidão, que me parece a maior de todas as desgraças.

No entanto, sei bem que meus remorsos não são verdadeiros e que, no fundo do coração desejaria ter corrido por amor de ti perigos ainda maiores.” (5)

(1) — Alcoforado, Sórora Mariana — *Cartas Portuguesas*. Lisboa, Publicações Europa-América, 1966, p. 33.

(2) — *idem, ibidem*, p. 35.

(3) — *idem, ibidem*, p. 63.

(4) — *idem, ibidem*, p. 33.

(5) — *idem, ibidem*, p. 45-46.

Na verdade, Mariana ama a sua paixão, está apegada ao prazer que ela lhe proporciona, bem mais ainda do que a um verdadeiro amor por Chamilly. É o vazio interior da alma que não progrediu na luta ascética que esta paixão veio preencher, e é por isso que ela se lhe apegou com unhas e dentes: “Tive então a prova de que lhe quero menos do que à minha paixão” e, mais adiante: “Detesto a sua sinceridade! Acaso lhe tinha pedido que me dissesse sinceramente a verdade? Por que não me deixou a minha paixão? Tudo o que tinha a fazer era não me escrever: eu não procurava ser esclarecida.” (6) Tanto é assim que, na verdade, a fidelidade que protestava desaparece, quando na 5ª carta, já completamente desenganada quanto aos sentimentos de Chamilly, manifesta sua intenção de partir para outra aventura amorosa, declarando: “Estou convencida de que talvez venha a encontrar nesta terra um amante mais fiel e melhor ” (7) Eis a verdadeira natureza da paixão de Mariana! Nela não há nada da nobreza que uma crítica superficial tradicionalmente lhe atribui.

Para completar o quadro só falta chamar a atenção para a aberrante perversão de sua consciência quando aventa a hipótese de que o estado religioso deveria ser o mais propício para o cultivo de uma grande paixão humana, dizendo na 5ª carta: “.procuro desculpá-lo, e compreendo bem que uma religiosa não pode, em geral, despertar grande paixão. No entanto, parece-me que, se nas escolhas que se fazem fosse possível entrar com a razão, haveria motivos de as preferir às outras mulheres: nada as impede de pensar incessantemente na sua paixão, nem são desviadas pelas mil coisas que no mundo dissipam e ocupam.” (8) É a total inversão da natureza das coisas! A vida religiosa que, por definição, é uma morte ao mundo para uma consagração exclusiva ao amor de Deus, que deverá então preencher todos os momentos da existência daquele que a ela se entrega, é vista, por Mariana, como a mais favorável ao incremento do amor humano, já que ela aboliu Deus daquele contexto. Ora, abolido Deus da vida consagrada, esta torna-se carente de sentido, absurda, vazia e, principalmente, funesta. Tais atributos são os que também se-nos afiguram os mais apropriados à personagem Mariana, profundamente incoerente consigo mesma e revelando, na sua ausência de drama de consciência, uma pobreza de valores e uma superficialidade inadmissíveis numa religiosa.

Do mundo de Heloísa, pelo contrário, Deus não está ausente. É Ele o referencial de todas as suas ações e de todos os movimentos de seu coração, de modo que sua presença é contínua e a visão da existência que Heloísa demonstra possuir é profunda, vertical e não hori-

(6) — *idem, ibidem*, p. 83 e 85.

(7) — *idem, ibidem*, p. 87.

(8) — *idem, ibidem*, p. 89.

zontal como a de Mariana. Assim há um incessante exame de consciência em que Heloísa reconhece a verdade sobre si própria, com uma crueza e uma coragem admiráveis. É na la carta que confessa a falta de retidão de sua entrega a Deus, declarando ter sido a vontade de Abelardo o verdadeiro motivo da assunção da vida religiosa: “Não foi a vocação, foi a vontade, sim, apenas a tua vontade, que lançou a minha juventude nos rigores da vida monástica. Se com isto não encontrou qualquer mérito a teus olhos, ajuíza quanto o meu sacrifício foi vão! Não tenho recompensa a esperar de Deus, pois certo é nada ter feito ainda por amor d’Ele” (9) Heloísa distingue, com clarividência, entre o amor humano — que sabe possuir em plenitude — e o amor divino, de que se encontra desprovida — pelo menos com igual intensidade — sabendo-se, por isso mesmo, dividida interiormente, incoerente com a vida consagrada que adotou. Sua consciência cristã — exigente — não lhe permite continuar a dar livre curso a sua paixão humana despreocupadamente e, através das confidências feitas em suas cartas, pressentimos seus problemas de consciência, assistimos ao dramático combate que na sua alma se trava entre os direitos de Deus e as exigências da carne. Apesar das circunstâncias que a levaram à vida conventual — desprovida de vocação — seu texto demonstra que quer ser reta e que se importa ao perceber em si a ausência de uma verdadeira entrega a Deus, entrando em conflito consigo mesma, passando a ser protagonista não já apenas de um romance de amor humano, mas de uma sui-generis aventura ascética. Heloísa, como toda pessoa que teve uma experiência intensa da vida dos sentidos, conhece o combate contra a sua paixão e — embora não se saiba vencedora — há nela a nostalgia da pureza, o pesar pela servidão da alma ao corpo, como este longo e doloroso texto nos deixa ver: “Quanto a mim, estes prazeres do amor aos quais juntos nos entregamos foram-me tão suaves que não poderiam desagradar-me nem apagar-se da minha memória. Para onde quer que me volte, apresentam-se a meus olhos, despertando os meus desejos; as suas enganosas imagens nem no sono me poupam. Mesmo entre as solenidades da missa, quando a prece deve ser mais pura, as imagens licenciosas dessas volúpias apoderam-se de tal modo deste coração miserável que mais ocupada estou com as suas torpezas do que na oração. Quando desejaria gemer pelas faltas cometidas, suspiro por aquelas que já não posso cometer.

Não é unicamente quanto fizemos, são as horas e os locais testemunhas dos nossos prazeres, tão profundamente gravados no meu coração com a tua saudade que volto a encontrar-me contigo às mesmas horas e nos mesmos lugares onde ambos estivemos, e nem no sono encontro repouso. Por vezes, os movimentos do meu corpo e as pala-

(9) — *Cartas de Heloísa e Abelardo*. Prefácio e tradução de Franco de Sousa, Lisboa, Editorial Estúdios Cor, s/data, p. 86.

bras que me escapam traem os pensamentos da minha alma. Oh, quanto sou infeliz! Foi realmente feita para mim esta queixa de uma alma que geme: “Como sou desditosa! Quem me soltará deste corpo já morto?” Quisesse o Céu que pudesse acrescentar: “É a graça de Deus por Jesus Cristo, Nosso Senhor” Esta graça, meu bem amado, foi para ti sem que a pedisses; um simples ferimento no teu corpo, serenando os teus desejos, curou todas as feridas da tua alma. Deus, parecendo ter-te tratado com rigor, na realidade foi bem mais favorável, tal como o bom médico que não hesita em provocar sofrimento ao seu doente para salvar. Mas, comigo, os agulhões da carne estão inflamados pelo ardor de uma juventude ferosa e pela experiência feita das mais doces volúpias. Os ataques são tanto mais ardentes quanto é fraca a natureza que assaltam.

Dizem que sou casta — é por não verem como sou hipócrita. Toma-se a pureza da carne por virtude, mas a virtude é assunto da alma, e não do corpo. Concedem-me louvores entre os homens, mas não os mereço perante Deus, que sonda os rins e vê o que lá se esconde.” (10)

Poderia existir um testemunho mais realista da luta entre as exigências da carne e as do espírito, um testemunho mais expressivo da miséria da condição humana quando quer liberta-se do jugo da concupiscência, uma confissão mais sincera—e, portanto, mais humilde — da fraqueza da carne e da distância que há entre a aparência da virtude e a própria virtude? Heloísa luta por ser sincera na sua vida de oração e por isso encontra tanta resistência provinda da luxúria que lhe custa subjugar. Heloísa tem presença contínua de Abelardo, mas lamenta não ter a de Deus, como a linguagem que emprega, no texto acima, nos mostra; assim, seus desejos trazem-lhe “enganosas imagens”, seu coração é qualificado de “miserável”, o que o ocupa é designado de “torpezas” e, quando dá a conhecer suas aspirações mais íntimas, usa do subjuntivo volitivo: “Quisesse o Céu...” Heloísa anela pela graça, que poderá trazer-lhe a libertação e todo este combate configura-a de maneira substancialmente diferente da de Mariana.

O rigoroso exame de consciência que empreende leva-a a aprofundar na condição da mulher, na sua função de companheira do homem e sua reflexão remonta até às origens, até à figura primordial de Eva que, criada para o socorro do homem — como nos lembra — tornou-se o instrumento de sua perda. Segundo seu texto, há, por influência do Tentador, uma perversão da mulher, que acarreta a perversão do homem e Heloísa reconhece em si a linhagem de Eva.

(10) — *idem, ibidem* — p. 107-108.

No seu esforço de crescer numa unidade interior, numa coerência mais profunda na entrega a Deus, desmascara tudo quanto em si é falso, recusando a aparência da virtude, discernindo claramente que é necessária uma conversão e uma penitência do coração e não de meros atos externos. É assim que se interroga: “Pode-se falar de penitência, seja qual for o tratamento infligido ao corpo, quando a alma ainda mantém a vontade de pecar e arde nos mesmos e antigos desejos? É fácil, sem dúvida, confessar as suas faltas e acusar-se ou submeter até o seu corpo a macerações externas; mas bem difícil é arrancar a sua alma aos desejos das mais doces volúpias”, e, mais adiante: “Não basta confessar as suas faltas, é necessário detestá-las também e falar com a amargura da alma para que este mesmo amargor seja punição dos erros que a língua acusa, quando conduzida pelo espírito.” (11)

Todos estes textos deixam ver uma exigente meditação sobre sua vida de entrega e uma recusa de vivê-la às meias tintas. Heloísa faz distinções só acessíveis aos que verdadeiramente conheceram a tentação, aos que sofreram um processo de purificação depois de uma vida licenciosa. Sua entrega a Deus dá todos os sinais de não ter ficado num mero gesto externo, inconseqüente, numa solução só de fachada, mas de ter-lhe trazido rigorosas exigências ascéticas, em que parece ter-se empenhado com sinceridade. É por isso que termina sua 2ª carta em humildade, pedindo que Abelardo a ajude com orações e fazendo uma última distinção: não almeja um lugar privilegiado no Céu; o único que deseja é ter nele alguma parte.

Esta é Heloísa, uma personalidade rica, profundamente humana na sua fraqueza, uma mulher que procurou crescer na coerência e na retidão e, por isso, conheceu um intenso combate ascético, em tudo diferente da rasteira Mariana, que, como suas cartas o demonstram, viveu alheia a qualquer problemática de vida interior. É tão inverossímil que uma religiosa pudesse ser tão carente de sentido sobrenatural, de consciência moral e de princípios cristãos, que somos inclinados a engrossar as fileiras dos que se interrogam: teria realmente Mariana tido uma existência histórica, ou sua figura não passa de uma mera ficção?

(11) — *idem, ibidem* — p. 106-107.